

Entrevistas

Fakhry Davids¹

Isildinha Baptista Nogueira²

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade³

1. O racismo é uma realidade histórica e social. Se consideramos que o sujeito se constitui na relação com o outro, quais efeitos subjetivos e inconscientes podem ser perpetuados pela vivência com o racismo?

1. Racism is a historical and social reality. Taking into consideration that the subject is constituted in the relationship with the other, which subjective and unconscious effects can be perpetuated through the experience of racism?

Fakhry Davids

Se reconhecermos, como vocês sugerem, que o racismo é parte da realidade histórica e social na qual a subjetividade de uma pessoa vem a ser constituída, precisamos refletir, primeiro, sobre a questão do papel que esse fator desempenha na formação do senso de identidade de um sujeito. Esse é um tópico que foi negligenciado pela psicanálise, por isso, desejo abordá-lo brevemente.

Argumenta-se, há muito, que a relação entre negros e brancos em nosso mundo continua a carregar a marca das desigualdades da era colonial (Treachner, 2005), incluindo, é claro, a escravidão. O impacto disso é sentido, em

1. Analista Didata da British Psychoanalytical Society. Membro da Tavistock Society of Psychotherapists. Professor Associado Honorário da Unidade de Psicanálise, University College London. Membro Visitante do Centre for Trauma and Refugees no Departamento de Estudos Psicossociais e Psicanalíticos da University of Essex.

2. Professora Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Psicanalista com formação nos Ateliers de Psicanálise sob a supervisão de Radmila Zygouriz.

3. Membro efetivo e ex-presidente da SBPRJ. Diretora de Comunidade e Cultura da FEBRAPSI. Editora da Seção Vórtice – Revista Calibán da FEPAL. Membro do Comitê de Assistência Psicanalítica em Crises e Emergências – PACE/IPA (Committee on Psychoanalytic Assistance in Crises and Emergencies).

sua maior parte, pelos descendentes das populações colonizadas e escravizadas do passado. A psicanálise começou em uma parte específica deste mundo, era composta por europeus brancos e aspirava a desvelar aspectos universais do funcionamento mental. Ela pressupõe que, em virtude da profundidade de suas investigações, o que descobriu em pesquisas sobre os membros de seu próprio grupo também se aplicará à experiência subjetiva de outros que não fazem parte desse grupo. Quando os negros falam de sua experiência de racismo nas mãos do poder branco, os psicanalistas tendem a supor que ela seja análoga à experiência de preconceito sofrido pelos brancos, isto é, por membros de seu próprio grupo, por causa de, digamos, alguma deficiência ou orientação sexual. Mas o racismo branco-negro em nosso mundo hoje envolve, como indiquei, intercâmbios entre membros de dois grupos diferentes, com uma história específica entre eles – são descendentes de colonizadores/proprietários de escravos e de colonizados/escravos. Os psicanalistas, que são, em grande parte, membros do grupo branco, demoraram a abordar essa questão como um tópico em si mesmo, e isso agravaram o problema. Indivíduos de etnia negra e minoritária relatam que sua experiência de racismo não é reconhecida e, acima de tudo, é vista como uma preocupação com questões do mundo externo, enquanto que o foco apropriado da psicanálise está em questões internas. É especialmente irônico que essa postura venha de membros de uma disciplina que professa tolerância, respeito pelo outro e compaixão pelo sofrimento. E o resultado dessa negligência é que, como ocorre na sociedade em geral, a experiência subjetiva de tais indivíduos, enquanto *negros em relação aos brancos*, desaparece de vista, e eles ficam privados de uma oportunidade igual de serem vistos, ouvidos e reconhecidos. Principalmente, embora não exclusivamente, cabe aos psicanalistas de cor, como eu, chamar a atenção para essa situação, para o fato de que ela é um problema. Além disso, a corrente principal da psicanálise procedeu como se não houvesse necessidade de investigar a psicologia envolvida no racismo por si só, presumindo que a relação negro-branco é um subconjunto das relações em geral, o qual poderia, portanto, ser compreendido por meio de nosso conhecimento existente sobre os processos pelos quais as distinções entre o eu e o outro, no mundo externo, são internalizadas e operam na mente. Não consegui encontrar qualquer evidência clínica que justificasse a redução do intercâmbio entre raças às distinções existentes entre o eu e o outro, que fossem familiares aos psicanalistas (a diferenciação entre o eu e o outro, e a distinção de gênero).

Com relação a essa situação, minha abordagem foi iniciar uma nova investigação sobre como a distinção entre negros e brancos se desenvolve neste

momento, na clínica, em primeiro lugar e, depois, como ela é complementada por observações no mundo externo. Em seguida, tentei entender como essa distinção foi internalizada e se houve consequências pela forma como isso ocorreu. Essa investigação me levou ao modelo de racismo interno.

Em resumo, sugiro que, como parte de uma trajetória normal de desenvolvimento, nossa identidade de grupo é instalada na mente em oposição a um outro grupo. Isso é feito ao longo de linhas esquizoparanóides que repetem nossos primeiros relacionamentos objetivos, em que o bebê se separa e projeta, geralmente em um terceiro objeto, aspectos de sua própria experiência que, de outra forma, ameaçariam o vínculo vulnerável ego-mãe, o qual é essencial para a sobrevivência. Essa projeção cria um objeto aterrorizante que, no curso do desenvolvimento subsequente, é gradualmente reparado (por meio da retirada das projeções) de modo que a representação interna do objeto seja mais alinhada com suas qualidades na realidade externa. Quando esses mesmos mecanismos são dirigidos ao outro grupo, primeiro aos 3 ou 4 anos, transformam o outro grupo em uma figura assustadora, que deve ser evitada ou, pelo menos, mantida à distância. Na infância, o uso da divisão é inevitável, mas agora produz culpa, contra a qual o sujeito se defende de maneira específica. A divisão entre o próprio grupo e o outro grupo, já animada pela projeção inicial, agora se concretiza na tentativa de disfarçar o fato de que a projeção de uma pessoa teve algum papel na forma como o membro do outro grupo é percebido. Em vez disso, há uma insistência de que essa percepção reflète com precisão a realidade externa. Em outras palavras, os membros do outro grupo (por exemplo, negros, refugiados, imigrantes etc.) realmente são da maneira como são vistos; eles são habitados por qualidades que representam uma ameaça para “nós”. No caso de refugiados, por exemplo, a percepção é a de que eles não procuram refúgio, mas estão determinados a se estabelecer e a tomar o “nosso” espaço, a mudar o caráter cultural para que ele se pareça com o seu próprio (por exemplo, construindo mesquitas, introduzindo sua própria culinária etc.), para pegar nossos empregos ou viver dos benefícios do Estado, e assim por diante. No caso das pessoas “negras”, a percepção é a de que, de alguma forma, elas poluirão “nosso” mundo branco imaculado com, digamos, sua primitividade e atraso degenerados, hipersexualidade ou criminalidade.

Estabelecer e manter tal estrutura na mente requer um trabalho psíquico considerável nos bastidores. Eu sugeri que a literatura clínica sobre organizações defensivas fornece uma maneira de conceituar como ele acontece e é mantido. Mostrei que a relação entre eu e o outro grupo está localizada em

uma estrutura defensiva caracterizada por uma divisão entre “nós” e “eles”, e que seu propósito é manter “eles” separados de “nós”, a todo custo. A sensibilidade a determinados marcadores culturais, como a cor da pele ou as características físicas que os distinguem, são manifestações superficiais do trabalho que, no nível da fantasia inconsciente, ocorre dentro dessa estrutura. É aqui que as projeções para o outro grupo são feitas, consolidadas e mantidas no lugar. As muitas medidas postas em prática, no nível da fantasia, sustentam o que conhecemos no mundo de hoje como atitudes racistas ou condutas com relação aos outros (preconceito, micro-agressões etc.) e, por essa razão, considero esta estrutura como sendo racista. Seu objetivo é manter o membro do outro grupo constantemente “outro”. Na superfície, tudo de que permanecemos conscientes são crenças estereotipadas sobre o outro grupo, as quais Freud, em seus comentários sobre o narcisismo das pequenas diferenças, considerou manifestações, relativamente inofensivas, de agressão que servem para unir grupos. No entanto, acho que essa divisão também pode lançar a base para algo muito mais maligno, uma vez que funciona transformando indivíduos comuns, que por acaso são diferentes de nós, em figuras que são vistas como uma ameaça perigosa e, portanto, devem ser mantidas do lado de fora – outros.

Onde quer que crescamos, não conseguimos evitar encontrar um outro grupo, e a estrutura que venho descrevendo é o legado de nos tornarmos membros de nosso grupo e, ao mesmo tempo, não de nosso outro grupo. Quem é membro do nosso outro grupo varia, é claro, dependendo dos agrupamentos no mundo de nossa infância. Contudo, uma vez que a estrutura esteja pronta, ela passará a mediar nossas relações com esse outro grupo. A reivindicação do sistema defensivo à nossa lealdade é baseada na capacidade dele de nos persuadir de que a proteção que ele nos fornece é necessária contra as ameaças representadas pelo outro grupo. Isso não é difícil de entender: no início, as oportunidades limitadas de contato com os membros do outro grupo original criam um terreno fértil para projeções neles. No entanto, à medida que a criança cresce, ela pode muito bem encontrar membros desse grupo, por exemplo, na escola, e isso fornecerá oportunidades para um teste de realidade. É possível que a imagem interna do membro do outro grupo seja então modificada para ficar mais sintonizada com o que ele realmente é. Nosso conhecimento clínico da maneira como os sistemas defensivos operam sugere, pelo menos, duas maneiras possíveis de lidar com essa ameaça. A atitude racista pode ser projetada em outra pessoa – por exemplo, “Não tenho preconceitos, meu pai é extremamente preconceituoso” –, ou um objeto substituto pode ser escolhido para receber a

projeção. Ou seja, as organizações defensivas são capazes de realizar mudanças que mantêm a essência do sistema defensivo paranoico nós-eles. Tudo isso ocorre fora da percepção consciente.

Com base nesse entendimento de como o racismo é processado na mente como pano de fundo, eu gostaria de abordar agora a questão relativa aos efeitos subjetivos perpetuados pela experiência do racismo. Uma vez que, como afirmei antes, nosso mundo continua a ser marcado pelas divisões coloniais do passado, incluindo o legado da escravidão, é inevitável que as pessoas de cor encontrem projeções associadas a essa construção em uma base contínua e diária. Isso pode ser considerado um trauma cumulativo, pois é a experiência de ser repetidamente invadido por projeções forçadas que perfura a integridade do sujeito e o desequilibra. É enlouquecedor, pois é um ataque ao eu – você é tratado de acordo com uma definição racista e não como realmente é. Na análise ou na terapia, essa experiência precisa ser contida, o que requer que o analista esteja aberto e sensível a ela, e de uma forma profunda e autêntica, uma vez que o impacto total dessa experiência muitas vezes está enterrado fora da percepção consciente. Para começar, os analistas precisam ser capazes de navegar nesse terreno interno em si mesmos, mas a culpa inconsciente associada às projeções do seu grupo branco no grupo negro pode levar à paralisia emocional no consultório. Isso é, frequentemente, observado e pode ser agravado por tentativas de desviar a fonte da obstrução e culpar o paciente por não cooperar ou resistir à análise. Um efeito disso sobre o paciente é, portanto, que sua experiência de racismo permanece não reconhecida e incontida. Outro efeito é que isso traumatiza novamente a pessoa negra nas mãos do terapeuta branco.

If we recognise, as you suggest, that racism is part of the historical and social reality within which one's subjectivity comes to be constituted the question of what part this factor plays in the formation of one's sense of self needs to be considered first. This is a topic that has been neglected in psychoanalysis, so I want to consider it briefly.

It has long been argued that the relationship between black and white in our world continues to bear the mark of the inequalities of the colonial era (Traicher, 2005), including of course slavery. The impact of this is largely felt by the descendants of the colonised and enslaved populations of yesteryear. Psychoanalysis began in one specific part of this world, comprised of white Europeans, and aspired to uncover universal aspects of mental functioning. It assumes that, by virtue of the depth of its inquiries, what it has uncovered in re-

search on members of its own in-group will also apply to the subjective experience of others who are not part of that group. When black people speak of their experience of racism at the hands of white power, psychoanalysts tend to assume it to be analogous to the experience of prejudice suffered by white people, that is by members of their in-group, on account of, say, a disability or gender orientation. But black-white racism in our world today involves, as I have indicated, interchanges between members of two different in-groups, with a specific history between them – they are descendants of colonisers/slave-owners and the colonised/slaves. Psychoanalysts, who are largely members of the white in-group, have been slow to examine this as a topic in its own right, and this compounds the problem. Black and minority ethnic individuals report that their experience of racism is not recognised and mostly is viewed as a preoccupation with external world matters, whereas the proper focus of psychoanalysis is on internal issues. It is especially ironic that this stance should come from members of a discipline that professes tolerance, respect for the other and compassion for suffering, and the result of this neglect is that, as in society at large, such individuals' subjective experience *as black in relation to white* disappears from view, deprived of an equal opportunity to be seen, heard and acknowledged. Mostly, though not exclusively, it falls to psychoanalysts of colour, like myself, to draw attention to this as a problem. Moreover, mainstream psychoanalysis has proceeded as if there were no need to investigate the psychology involved in racism in its own right, assuming the black-white relationship to be a subset of relationships in general that could, therefore, be understood through our existing knowledge about the processes by which self-other distinctions in the outside world are internalised and operate in the mind. I could find no clinical evidence to justify reducing the cross-race interchange to existing self-other distinctions familiar to psychoanalysts (the differentiation of self from other and the gender distinction).

Faced with this situation my approach was to set out on a fresh inquiry into how the black-white distinction plays itself out in the present, clinically in the first instance and then supplemented by observations in the outside world, and then to try to understand how this distinction was internalised and whether there were consequences of the way in which this occurred. This led me to the model of internal racism.

Briefly, I suggest that, as part of a normal developmental trajectory, our in-group identity is installed in the mind in opposition to an out-group. This is done along paranoid schizoid lines that reprises our very earliest object re-

relationships, where the infant splits off and projects out, usually into a third object, aspects of its own experience that would otherwise threaten the vulnerable self-mother bond that is essential for survival. This projection creates a terrifying object that, in the course of subsequent development, is gradually repaired (through the withdrawal of projections) so that the internal representation of the object is brought more in line with their qualities in external reality. When these same mechanisms are deployed in relation to the out-group member, first at the age of 3 or 4, it turns the out-group member into a frightening figure, one to be avoided or at least kept at a distance. In infancy the use of splitting is unavoidable, but now it produces guilt, which is defended against in a specific way. The division between in- and out-group, already animated by the initial projection, now becomes concretised in an attempt to disguise the fact that one's projection had any role in how the out-group member is perceived. Instead there is an insistence that that perception accurately reflects external reality. In other words that the out-group member (e.g. black persons, refugees, immigrants etc) really are the way they are seen; they are inhabited by qualities that are a threat to "us". In the case of refugees, for instance, that they seek not refuge but are determined to settle and take over "our" space, to change its cultural character to resemble their own (e.g. by building mosques, introducing their own cuisine etc), to take our jobs or live off state benefits and so on. In the case of "black" people, that they will somehow pollute "our" pristine white world by, say, their degenerate primitiveness and backwardness, hypersexuality or criminality.

Setting up and maintaining such a structure in the mind requires considerable psychic work, behind the scenes, and I suggested that the clinical literature on defensive organisations provides a way to conceptualise how this comes about and is maintained. I showed that the relationship between self and out-group member is located in a defensive structure characterised by a division between "us" and "them", and that its purpose is to keep "them" apart from "us", at all costs. Sensitivity to particular cultural markers such as skin colour or physical characteristics that distinguish the two are surface manifestations of the work that, at the level of unconscious phantasy, takes place within this structure. It is here that projections into the out-group are made, consolidated and held in place. The many measures put in place, at the level of phantasy, underpin what we have come to know in our world today as racist attitudes or conduct towards others (prejudice, micro-aggressions etc.), and for this reason I think of this structure as a racist one. Its aim is constantly to keep the out-group member "othered". At the surface all that we remain conscious of are ste-

reotypical beliefs about the out-group, which Freud, in his remarks on the narcissism of minor differences, thought of as relatively harmless manifestations of aggression that serve to bind groups together. However, I think this split can also lay the foundation for something altogether more malign since it works by turning ordinary individuals who happen to be different from us into figures who are viewed as a dangerous threat who must therefore be kept out – othered.

Wherever we grow up we cannot avoid encountering an out-group, and the structure I have been describing is the legacy of our becoming a member of our in-group, and at the same time not of our out-group. Who our out-group member is will vary, of course, depending on the groupings in the world of our childhood, but once the structure is in place it will come to mediate our dealings with that out-group. The defensive system's claim to our loyalty is based on its ability to persuade us that its protection is needed against the threats posed by the out-group. This is not difficult to understand: in the beginning the limited opportunities for contact with members of the original out-group creates a fertile ground for projections into them. As the child grows, however, he or she may well encounter members of that group, for instance at school, and this will provide opportunities for reality testing. It is possible that the inner picture of the out-group member is then modified to be more in tune with what they are really like. Our clinical knowledge of the way defensive systems operate suggests at least two possible ways this threat may be dealt with. The racist attitude may be projected into someone else – e.g. “I am not prejudiced my father is a complete bigot” – or a substitute object may be chosen for projection. That is, defensive organisations are capable of change that keeps the essence of the us-them paranoid defensive system in place. All of this takes place outside of conscious awareness.

With that understanding of how racism is processed in the mind as background, I would like now to turn to your question regarding the subjective effects perpetuated through the experience of racism. Because, as I said earlier, our world continues to be marked by the colonial divisions of the past, including the legacy of slavery, it is inevitable that people of colour will encounter projections associated with that construction on an on-going and daily basis. This can be considered as cumulative trauma, as it is the experience of being repeatedly invaded by forceful projections that pierce one's integrity and throws one off balance. It is maddening as it is an attack on the self – you are treated in accordance with a racist definition rather than as you really are. In analysis or therapy this experience needs to be contained which requires the analyst to be open and sensitive to it in a deep and authentic way since its full impact often

lies buried outside of conscious awareness. In order to go there analysts need to be able to navigate this inner terrain in themselves, but unconscious guilt associated with the white in-group's projections into the black out-group can lead to emotional paralysis in the consulting room. This is commonly observed, and can be further compounded by attempts to deflect the source of the stuckness and to blame the patient for being uncooperative or resistant to analysis. One effect of this on the patient is therefore that his or her experience of racism remains unacknowledged and uncontained. Another is that this retraumatizes the black person at the hands of the white clinician

Isildinha Baptista Nogueira

O racismo é uma doutrina segundo a qual todas as manifestações histórico-sociais do homem e os seus valores dependem da raça; essa mesma doutrina prega a superioridade de uma raça sobre as outras.

Essa doutrina surge na França, com Gobineau em seu *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853:55), que visava defender a aristocracia contra a democracia.

No século XX, a doutrina de Gobineau se estende a outras áreas do conhecimento, como a biologia, usada, por exemplo, pelos nazistas, para provar a inferioridade dos judeus em relação ao povo alemão, supostamente descendentes da raça ariana (pura), portanto superiores.

Usou-se a biologia como um conhecimento pretensamente científico, numa tentativa de provar uma diferença biológica entre seres humanos que não existe. A tentativa foi desconstruir a humanidade dos judeus, autorizando, assim, a eliminação dos mesmos, legitimando toda sorte de maldade, afinal, eles não eram humanos.

O racista não enxerga no outro um semelhante, o que o autoriza a toda sorte de violência, psíquica e física.

Obviamente, os efeitos do olhar racista são nefastos, no caso dos negros, que carregam no corpo a marca da inferioridade social. O negro vive cotidianamente a experiência de que sua aparência põe em risco sua imagem de integridade de ser que pertence à categoria de humanos.

Os efeitos subjetivos do racismo são diversos, indo de psíquico a físico, com um medo permanente da perda de sua imagem, como ele a mantém em sua representação imaginária: a de branco, por um ideal de brancura.

O racismo assegura a manutenção da desigualdade social e a fantasia de que existem seres superiores a outros; enquanto não entendermos nossos

lugares nessa trama social perversa, o racismo segue perpetuando a fantasia de que brancos são superiores aos negros. Pensar a categoria “negro” implica pensar também a categoria “branco”, que normatizou o poder e a indiferença em relação aos negros e aos “diferentes” que não correspondem ao ideal da “brancura”, e que seguem o violento projeto de eliminar os que colocam em risco seu narcisismo, que se perde na diferença; o que Freud chamou do “narcisismo das pequenas diferenças”, o incômodo com minúsculas diferenças entre os seres humanos que se transformam em antipatias, rixas e até guerras.

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Agradeço às editoras pelo carinhoso convite e por considerarem o lugar que ocupo como mulher negra e psicanalista nas lutas por mudanças em nosso ambiente psicanalítico.

Recentemente aprendi com uma aluna e incorporei ao meu currículo que, por natureza, consciência e autodeterminação, sou uma *pesquisadora* das relações raciais no Brasil. Sinto-me confortável com a expressão *pesquisadora*, embora não haja qualquer formalidade ou rigor nesta aplicação, pois há muitos anos dedico-me a estudar o tema, que tem íntima relação com minha carne, com quem sou, com a minha história e com as minhas experiências de vida.

Estou à disposição para contribuir com o diálogo que a revista propõe e que considero um dos caminhos para desnaturalizar violências em torno do assunto, sobretudo no tocante às teorias do conhecimento que mantiveram as mitologias africanas, assim como o pensamento afrodiaspórico, excluídos da academia e dos espaços de transmissão do saber.

A revista *Trieb* cumpre um papel social importante quando inclui em suas pautas as discussões sobre o racismo, a branquitude e as relações raciais nos ambientes psicanalíticos.

É importante que eu inicie explicitando que *raça* é um conceito criado pelo *racismo* e usado como instrumento de hierarquização, de dominação e de discriminação.

Como disseram, é na interação com o outro que o psiquismo e o sujeito são fundados, desde que a vida começa ainda no corpo da mãe, que está inserida em uma cultura. Citando Freud, em *Inibição, sintoma e angústia*, “Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos teria feito acreditar” (1926/1976, p. 162). Em torno do bebê circulam emoções, sofrimentos, desejos, conflitos. Refiro-me aos desejos e às preocupações dos pais que criam um universo de

ideias e de fantasias, conscientes e inconscientes, nas quais a gestação é embalada. Ao nascer, o mundo será apresentado à criança por esses pais, ou por quaisquer outros que cumpram estas funções, que já trazem em si conflitos e concepções de vida, como diz Lia Vainer Schucman em *Famílias inter-raciais*, “um mundo repleto de significados construídos pela sociedade, e internalizado idiossincriticamente pela família” (2018, p. 100).

Para pensarmos a respeito dos efeitos e das consequências subjetivas do racismo na vida dos sujeitos é importante nos remetermos à penetração do racismo na sociedade brasileira e recorrermos a outros campos do conhecimento, como a história, a antropologia, as ciências sociais e políticas etc.

No Brasil, assim como em outros países onde houve o sistema de colonização, os grupos sociais submetidos à escravidão sofreram os impactos objetivos e subjetivos da violência que naturalizou a coisificação desses povos, promovendo o fenômeno do racismo, que regulou oficialmente as relações sociais com prejuízos individuais e coletivos, que se reproduzem até os dias atuais, mantendo a injustiça social.

Em nosso país, aprende-se demasiadamente cedo que existe algo que vai muito mal nas relações humanas. Aqui, detenho-me no racismo porque é o objeto deste número da *Trieb*. Mas o fato triste, e que se repete ao longo do tempo, é que crianças ainda pequenas se veem marcadas pela cor da pele e, ao ingressarem no campo social, aprendem com sofrimento que a cor de pele faz parte de uma história de dessubjetivações, de exclusões e de maus-tratos, mas precisam do cuidado de adultos que deem significados, legitimando o que sentem.

Se os pais ou os cuidadores forem pessoas conscientes do racismo, com a capacidade de continência para receber as projeções e as angústias dos filhos, podendo assim transformá-las e devolvê-las de modo que os tranquilize, é possível que transmitam segurança. Nas redes de familiares, da escola e de amigos, as práticas cotidianas de vida têm enorme força, pois é no exercício de convivência que nos identificamos. Entretanto, não raras vezes, esses ambientes também trazem os signos de uma sociedade racializada que projeta na população negra todo o dejetivo de seu lado sombrio e cruel.

Os pais podem promover um ambiente no qual os filhos positivamente o ser negro, mas, apesar do amor e do investimento libidinal que transmitem confiança e bem-estar para a criança, em algum momento ela terá que se deparar com os ataques do outro pela cor de sua pele, através do olhar que a sentencia e a fixa em um lugar de inferioridade. De maneira geral, pessoas não brancas são olhadas com desprezo e sofrem a injunção do ideal branco sobre seus corpos,

ideal alimentado pela branquitude, para que se mantenham os seus privilégios simbólicos e materiais. Neste jogo de forças desequilibrado e injusto, no qual vigoram as ideias de superioridade e de inferioridade, se estabelece uma relação em que um grupo fica no lugar de ideal, enquanto o outro se torna objeto descartável de exploração.

Independente do destino que este fenômeno tenha na vida dos indivíduos, o racismo impinge exigências dolorosas às pessoas negras, a despeito da resistência e da luta desta população por direitos equânimes. No percurso da história, muitas foram as conquistas. Contudo, elas não impactam o quadro social no qual constatamos, com raras exceções, que a ocupação de lugares de poder, que governam as instituições e o país, está nas mãos do grupo racial branco, ou seja, esta é a parcela da sociedade tomada como padrão, que influi na construção de diferentes tipos de relações de poder.

A criança não tem condições psíquicas para lidar sozinha com as pressões provocadas por seu mundo de fantasias, nem com aquelas advindas do mundo exterior. Nascemos em um estado de total dependência, necessitando do outro para viver e mesmo adultos, capazes de sustentar a solidão que nos constitui, estamos inevitavelmente em relação com o outro, seja ele real ou simbólico. Então, ao tratarmos do racismo, estamos lidando com uma ocorrência complexa, insidiosa e sociocultural que influi nas subjetividades a partir de marcadores de posições sociais. Consequentemente, ele atravessa a vida de todos os cidadãos brasileiros, potencializando a discriminação inaugurada pelos colonizadores. O sucesso da manutenção desta construção se deveu ao silenciamento da história, repetido compulsivamente através dos séculos, para manter o *status quo* e a cisão, encobertos pelo véu da falsidade da democracia racial, do poder patriarcal branco cis heteronormativo, que atribui aos negros, de forma individual, os impactos sociais sofridos por ele próprio.

Os traumas decorrentes dos confrontos diários provocam sofrimento e, muitas vezes, paralisam e adoecem as pessoas e, na pior das hipóteses, as matam. Há inúmeras estatísticas que comprovam que pessoas negras são assassinadas a cada 24 minutos no Brasil, havendo também um alto índice de suicídios.

Ainda assim, apesar de toda a violência do racismo, estamos no campo da singularidade e a introjeção do ideal do eu branco é um dos caminhos, mas não o único. O sujeito pode conviver com os signos da supremacia branca sem sucumbir ao seu ideário, pois cada pessoa lidará com suas experiências emocionais e de vida de maneira particular e dinâmica. No entanto, independente do modo como o sujeito, negro ou branco, se constitui psicicamente, ele não

está livre de sofrer os efeitos do racismo, pois cada um deles é marcado pela estrutura social, pelo racismo estrutural presente em nossa cultura.

2. Na sua experiência clínica, de que modo a brancura e a negritude se apresentam na relação transferencial e contratransferencial?

2. In your clinical experience, in what ways does whiteness and blackness appear in the transference and countertransference relation?

Fakhry Davids

Em primeiro lugar, gostaria de fazer um comentário geral sobre a raça na situação clínica. Desde o início, eu estava ciente do constrangimento que comumente existe, na profissão, quando lidamos com questões de raça, o que leva à pressão para ignorá-las ou não mencioná-las, muitas vezes, podemos acabar sentindo que algo além da raça é responsável pelo constrangimento que nós, ou o paciente, podemos sentir. No entanto, se estivermos dispostos a reconhecer o constrangimento e considerar que ele pode estar ligado à raça, acho que é possível conversar mais sobre isso. Com frequência, é preciso simplesmente colocar em palavras que parece estranho “estar aqui comigo”, para descobrir que essa frase quebra o gelo. Ou, se sentirmos que a diferença racial pode estar envolvida, então mencione isso, por exemplo, dizendo: “você não tem certeza se eu, uma pessoa negra/branca, poderia entender você?”, mantendo a mente aberta para onde essas colocações podem nos levar. Na maioria dos casos, os pacientes ficarão mais tranquilos por causa da nossa capacidade para abordar o assunto, o que pode ser o suficiente para se iniciar uma investigação clínica a respeito dessas questões. Desse modo, os terapeutas podem tentar transformar o assunto raça em uma questão rotineira, em vez de sentir que precisam entender tudo a respeito do tema para começar a discuti-lo.

Passando agora à sua questão específica sobre minha própria experiência de brancura e negritude na transferência e na contratransferência, é importante notar que isso se limita ao fato de que sou um psicanalista de cor, um imigrante na Europa onde trabalho. Não posso comentar sobre as maneiras como a brancura e a negritude podem surgir na análise com um analista branco. Muitos, embora não todos, de meus pacientes são brancos. Pacientes brancos que me procuram, em geral, não o fazem por causa da minha cor e não nutrem preconceito de cor da maneira como ele costuma ser entendido - se o fizessem, não procurariam um terapeuta negro. Isso permite que se pergunte se a construção da raça, como descrevi anteriormente, existe abaixo da superfície e, em

caso afirmativo, como pode estar se manifestando e que significado pode ser atribuído a ela e, ainda, que luz isso pode lançar sobre o paciente e suas dificuldades gerais. Compreender o significado de uma relação objetual é o verdadeiro objetivo da terapia e da análise, e não é diferente no que diz respeito à raça. No entanto, o tema deve ser abordado com muito tato e sensibilidade, dado o terreno em que sugeri que ele se situa. A pessoa se sente facilmente acusada e isso embota o pensamento e encerra a conversa.

A transferência do paciente branco para o analista negro é complexa. A construção externa, que está embutida nas forças ideológicas da sociedade em geral, sugere o poder branco e a impotência negra, o que pode ser considerado transferência racial. Isso é justaposto à realidade da relação usual paciente-analista/terapeuta, em que a dependência do paciente é vista principalmente como uma concessão de poder ao analista. O analista negro deve estar suficientemente seguro e forte para tolerar essa transferência racial e não se sentir narcisicamente ferido por ela; se isso for possível, ela pode se tornar parte do desenvolvimento da investigação analítica que pode revelar seu significado.

No primeiro caso que descrevi em meu livro, meu paciente não suportava dependência e assim a projetou em mim, de modo que, em sua opinião, tornei-me um imigrante necessitado, que desejava ser aceito no Reino Unido, do qual ele era um cidadão nativo seguro e que poderia aceitar seu lugar naquele país como algo natural. Essas projeções podem ser feitas com força considerável, o que nos atinge, e o analista deve ser capaz de tolerá-las o suficiente para poder trabalhar com elas. Na contratransferência, deve-se ser capaz de suportar o ódio gerado por ser visto como inferior e impotente dessa forma, o que nem sempre é fácil. Se alguém puder suportar e ver isso como parte da maneira como o paciente está tentando lidar com o problema de estar em tratamento, isso pode ser útil. Caso contrário, as questões relacionadas à raça escaparão à análise e continuarão a contribuir para o silêncio que tem prevalecido na discussão deste assunto.

Às vezes, essa relação de poder é invertida e o analista negro é idealizado e visto como um objeto de inveja, por exemplo, como parte de uma rede coesa e extensa, com experiências compartilhadas das quais o paciente branco é excluído em virtude de sua cor. No início de sua análise, uma mulher branca sonhava, no fim de semana, com uma família extensa do sul da Ásia, reunida de uma forma alegre, calorosa e caseira, da qual ela era uma observadora excluída. Ela associou isso ao seu analista de pele escura. A dimensão étnica transmitia uma falta de esperança que ela sentia por realmente ser, algum dia, parte de tal

família - na transferência, a família analítica, da qual ela seria perpetuamente excluída, o que refletia uma experiência infantil de uma mãe cronicamente deprimida e distante.

A transferência do paciente negro para o analista negro pode ser complexa. Muitas vezes, existe a expectativa de que o analista compreenderá “o que é ser negro” e que a dor inerente a essa situação pode, de alguma forma, ser contornada na análise. Claro que é verdade que o analista terá sido exposto a experiências semelhantes no mundo por causa da cor de sua pele, mas isso deve funcionar como uma base de empatia e não como um fator que limita o encontro com a dor, que é inevitável em uma análise. Dito de outra forma, o analista deve resistir à tentação de transformar a análise em um enclave, e não usar sua identidade racial compartilhada como pretexto para evitar o trabalho doloroso e difícil na transferência, que é inevitável em toda análise, localizando a responsabilidade para experiências dolorosas exclusivamente fora e no mundo branco.

Uma outra dificuldade é que nosso pensamento sobre raça pode se tornar bidimensional, ou seja, preto e branco, e podemos deixar de perceber nuances sutis presentes nele. Por exemplo, o analista negro pode ser visto como identificado com sua profissão branca e, portanto, alinhado contra o paciente negro; alternativamente, o paciente pode ser identificado com a brancura e o analista visto como negro, de uma forma negativa. Essas construções podem ser encoberdas por defesas, e descobri-las pode ser doloroso – e a situação resultante difícil e desconfortável de abordar. Frantz Fanon foi o primeiro a reconhecer essa complexidade dentro da pessoa negra, que ele chamou de problema do negro. As transferências decorrentes dessa situação podem ser facilmente perdidas e, quando reconhecidas, ainda podem ser difíceis de abordar em profundidade.

First I would like to make a general comment about race in the clinical situation. From the beginning I was aware of the awkwardness one commonly encounters in the profession when dealing with matters of race, which leads to pressure to ignore it or not mention it – often we can end up feeling that something other than race is responsible for the awkwardness we, or the patient, may feel. However, if we are willing to acknowledge the awkwardness and consider that it may be connectedness with race I find it is possible to move a conversation about it forward. Often one needs simply to put into words that it seems awkward to “be here with me” to find that it breaks the ice. Or, if one feels that racial difference may be involved then to mention this, for instance

by saying “you are not sure whether I, a black/white person could understand you”, keeping an open mind as to where this may lead. Mostly patients will be reassured by our ability to bring this in, which may be enough to open up a clinical inquiry into these matters. In this way clinicians can try to make race an issue that they speak about as matter of routine, rather than to feel that one must understand everything about it in order to begin to discuss it.

Turning now to your specific question of my own experience of whiteness and blackness in the transference and countertransference, it is important to note that this is confined to the fact that I am a psychoanalyst of colour, an immigrant into Europe where I practice. I cannot comment on the ways in which whiteness and blackness may emerge in analysis with a white analyst. Many, though not all, of my patients have been white. White patients who see me do not usually do so because of my colour, and will not harbour colour prejudice as it is commonly understood – if they did they would not come to a black clinician. This allows one to ask whether the race construction, as I outlined it earlier, exists beneath the surface and if so, how it may be playing out and what meaning can be attributed to it and further what light this might shed light on the patient and his or her general difficulties. Understanding the meaning of an object relationship is the real aim of therapy and analysis, and it is no different as far as race is concerned. However, the topic has to be approached with great tact and sensitivity, given the terrain on which I suggested it is located. One feels easily accused and this closes down thinking and conversation.

The transference of white patient to black analyst is complex. The external construction, which is embedded within ideological forces within the wider society, suggests white power and black powerlessness, which can be thought of as the racial transference. This is juxtaposed with the reality of the ordinary patient-analyst/therapist relationship where the patient’s dependency is mostly seen as conceding power to the analyst. The black analyst has to be sufficiently secure and robust to tolerate this racial transference and not to feel narcissistically wounded by it; if this is possible it can become part of the unfolding analytic inquiry that can reveal its meaning. In the first case I described in my book my patient could not bear dependency and so projected it into me, so that in his view I became a needy immigrant wishing for acceptance in the UK, of which he was a secure native citizen who could take his place in the country for granted. Such projections can be made with considerable force, which intrudes into one, and the analyst has to be able to tolerate it sufficiently in order to be able to work with it. In the countertransference one must be able to bear the hatred

engendered by being seen as inferior and powerless in this way, which is not always easy. If one can bear it, and see it as part of the way the patient is trying to manage the problem of being in treatment, then that can prove helpful. If not the issues connected with race will elude analysis and continue to contribute to the silence there has been about this topic.

Sometimes this power relationship is reversed and the black analyst is idealised and seen as an object of envy, for instance as part of a close-knit and extended network with shared experiences that the white patient is excluded from by virtue of their colour. Early on in her analysis a white woman would dream on the weekend of an extended South Asian family gathered together in a happy, warm and homely way, from which she was an excluded observer. She connected this with her brown-skinned analyst, and the ethnic dimension conveyed a sense of the hopelessness she felt at ever really being properly part of such a family – in the transference, the analytic family from which she would be perpetually locked out, reflecting an infantile experience of an unavailable, chronically depressed mother.

The transference of the black patient to the black analyst can be complex. Often there is an expectation that the analyst will understand “what it is like to be black”, and that the pain inherent in this situation can somehow be bypassed in analysis. Of course it is true that the analyst will have been exposed to similar experiences in the world on account of the colour of their skin, but this should function as a basis of empathy rather than being a factor that limits the encounter with pain, which is unavoidable in an analysis. Put another way, the analyst must resist the temptation to turn the analysis into an enclave, and not use their shared racial identity as a pretext for avoiding painful and difficult work in the transference, which is an inevitable in every analysis, by locating the responsibility for painful experiences exclusively outside in the white world.

A further difficulty is that one’s thinking about race can become two-dimensional, i.e. black and white, and miss subtle nuances present within this. For instance, the black analyst may be seen as identified with his or her white profession, and thus aligned against the black patient; alternatively the patient may be identified with whiteness and the analyst seen as black in a negative way. Such constructions may be covered over by defences and uncovering these may be painful and the resulting situation difficult and uncomfortable to address. Frantz Fanon was the first to recognise this complexity inside the black person, which he termed the black problem. The transferences arising from this can be easy to miss and when recognised may still prove difficult to pursue at depth.

Isildinha Baptista Nogueira

Na minha experiência clínica, nessa relação paciente negro/ analista negra, a transferência acontece, ao menos na fantasia do paciente, de forma mais positiva, pois a fantasia é de que, pelo fato de eu ser negra, posso entender como ele se sente e posso “curá-lo” da dor que o racismo lhe causou. Obviamente, à medida que o processo da análise vai acontecendo, o paciente percebe que a relação dele com essa dor tem a ver com seu “romance familiar”, para além de como ele viveu e vive o seu cotidiano, nessa sociedade racista. A análise é uma possibilidade muito recente para os negros, foi sempre um símbolo de branquitude. No limite, meu paciente traz consigo questões que também me implicam como analista, contratransferencialmente; como dizia Lacan: “os sintomas dos pacientes implicam o analista”. Meu processo pessoal de análise foi fundamental para entender que meu drama pessoal em relação ao racismo não é o dele.

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Lembrei-me de uma passagem do livro da Profa. Liv Sovik (UFRJ), uma querida colega, que conheci em um grupo que se chamava “Tecendo Memórias Futuras”. Cito a Liv, e o grupo, como uma homenagem aos amigos que conquistamos naquelas reuniões, cujo objetivo era a criação de um espaço de encontro, de reflexão e de compreensão de *uma memória negra*; a coordenação era dos psicanalistas Angela Podkameni, Marco Antonio Guimarães e da escritora Conceição Evaristo.

A lembrança me chegou como uma memória-sonho, ao deter-me sobre a questão que me endereçaram. Naquele espaço, a transferência circulava na relação com os coordenadores e com os participantes (negros e brancos). As experiências de cada um de nós acionavam afetos profundos recalcados, às vezes por toda a existência, até que, depois de muitas repetições e sofrimento, pudéssemos ver desabrochar a dor exilada da consciência com as ideias que as carregavam.

Liv Sovik diz que a branquitude não equivale ideologicamente à negritude. A negritude foi inventada como reação à ideologia de supremacia branca, então, trata-se de ideias que se opõem e não de uma contrapartida (2009, p. 55). Esta oposição aparecia com certa evidência no grupo, e as tensões ali presentes traziam a lembrança de histórias passadas e soterradas no terreno psíquico. Era como se o campo aberto pelos coordenadores facilitasse o percurso que tomávamos e que estava fora da ordem do tempo; discutíamos a representação social dos lugares que ocupávamos e as relações na esfera social.

Ao final das reuniões, ríamos e brincávamos, embora levássemos conosco a seriedade e a profundidade das discussões.

Sabemos que o que instala e sustenta o trabalho de análise é a transferência, algo que se dirige à pessoa do analista, ou seja, sentimentos imprevisíveis dirigidos a ele, fantasias inconscientes e infantis que se repetem na cena da análise. Falamos, até aqui, a respeito dos efeitos insidiosos do racismo na vida e nas relações, pois ele também é um fenômeno imprevisível, que adentra, embrenha-se, entranha-se e decerto pode aparecer nas formações do inconsciente, na resistência, ou naquilo que ultrapassa o que é dito pelo analisante. O analista está ali, ocupando uma posição simbólica e, nele, qualquer sentimento pode ser projetado pelo analisante, por qualquer um, seja ele negro ou branco. Muitos sentimentos estão em estado bruto, entram em campo com as pulsões e com os primórdios da vida do sujeito, mas o que me parece que importa em uma análise é que o analista possa se comunicar com seu analisante, pôr em palavras o que está obscurecido, que possa tratar do que a ele é endereçado sem usar de seu poder para fazer com que o analisante se identifique com os seus próprios valores. Por outro lado, não estamos livres dos males que nos habitam e também resistimos, obstruindo a escuta e o processo analítico, tal qual o faz o analisante. Afinal, temos nossos pontos cegos e o racismo pode ser um deles, uma vez que é uma prática coletivamente disseminada e raramente pensada no ambiente psicanalítico. Olhar para si e observar-se, após perceber que foi você quem atuou algo que lhe escapa, faz parte desta construção a dois, ou seja, entrar em contato com a sua contratransferência. Por isso mesmo, a recomendação de reanálise de tempos em tempos. Eu acrescentaria a recomendação dos estudos sobre as relações raciais.

3. De que maneira a formação psicanalítica pode melhor atender às necessidades dos analistas negros e dos pacientes negros?

3. In what ways can psychoanalytic training better satisfy the needs of black psychoanalysts and black patients?

Fakhry Davids

O ponto de partida óbvio é que os psicanalistas reconheçam até que ponto a realidade vivida do racismo tem um impacto traumático nas pessoas de cor. É muito frequente que declarações mais superficiais, que excluem isso como um fator, que as pessoas são pessoas, que somos todos iguais por baixo da pele, sejam aceitas sem questionamento e que uma exploração mais profunda das

questões que envolvem a raça e o trauma racial sejam evitadas - a menos que os negros façam mais barulho. É como esperar que um paciente traumatizado mostre o quão profundamente ele foi impactado pelo trauma. Não se leva em conta a dor, a vergonha e a humilhação que acompanham essa experiência e, portanto, a profunda relutância em tocar no assunto, mas, em vez disso, se espera que a profissão possa oferecer um refúgio para tais aborrecimentos. Abrir espaço para essa experiência na análise de pessoas negras é um ponto de partida óbvio, mas isso tem implicações complexas e de longo alcance para a prática, as quais ainda não foram discutidas com a devida profundidade.

Um segundo conjunto de considerações gira em torno da necessidade de “descolonizar” o currículo. Se reconhecermos que nossas instituições desempenham um papel na perpetuação da ordem colonial, então precisamos examinar se, e em caso afirmativo, como as atitudes coloniais com relação ao outro não europeu podem estar presentes em nossa maneira de pensar a psicanálise. Por exemplo, é profundamente traumático para os negros quando Freud equipara o funcionamento primitivo em um indivíduo no presente – o hipotético estado de coisas em culturas pré-históricas e não evoluídas (ou seja, a sociedade na antiguidade) –, com tribos atuais vistas como primitivas. Uma coisa é dizer que essas são ideias ultrapassadas, mas o impacto traumático que isso causa na pessoa negra moderna, que lê esses textos, é profundo - se você é uma pessoa de cor, você sente simplesmente que foi condenado como primitivo pela psicanálise. Conheço excelentes analistas em formação que, com base em tais encontros com textos psicanalíticos fundamentais, perderam o interesse pela formação. Não tem havido nenhuma tentativa sistemática de lidar com essa dificuldade.

The obvious place to start is for psychoanalysts to recognise the extent to which the lived reality of racism makes a traumatic impact on people of colour. It is too often the case that more superficial statements that rule this out as a factor, that people are people, that we are all the same beneath the skin, are taken at face value and a deeper exploration of the issues surrounding race and racial trauma avoided – unless black people were to make more of a fuss. This is like expecting a traumatised patient to make the case for how deeply they have been impacted by the trauma. It takes no account of the pain, shame and humiliation accompanying that experience and therefore of the deep reluctance to open it all up, and instead to hope that the profession could offer a retreat from such unpleasantness. Making room for this experience in the analysis of black

persons is an obvious starting point, but this has complex and far-reaching implications for practice that are yet to be fully discussed.

A second set of considerations cluster around the need to “decolonise” the curriculum. If we recognise that our institutions play a part in perpetuating the colonial order then we need to examine whether, and if so, how colonial attitudes to the non-European other may be present in our way of thinking psychoanalysis. For instance, it is deeply traumatic for black persons to read Freud conflating primitive functioning within the individual in the present, the hypothetical state of affairs in prehistoric, unevolved cultures (i.e. society in earlier times) and with current tribes seen as primitive. It is one thing to then say that these are outmoded ideas, but the traumatic impact this makes on the modern black person reading such texts is profound – if you are a person of colour you feel quite simply that you have been condemned as primitive by psychoanalysis. I know of excellent potential trainees who, on the basis of such encounters with foundational psychoanalytic texts have been completely put off training. There has been no systematic attempt to engage with this difficulty.

Isildinha Baptista Nogueira

A psicanálise nos instrumentalizou para melhor entendermos os processos inconscientes que afetam o sujeito, e sobre os quais ele não pode exercer um controle consciente. A formação psicanalítica demanda uma boa formação teórica ancorada em conhecimento filosófico, o que nos permite entender melhor os conceitos psicanalíticos e um processo de análise pessoal; penso que a negritude é uma especificidade que precisa ser acessada por analistas brancos e negros em tudo o que isso possa implicar. Não existe uma psicanálise para analistas negros, existe uma realidade histórico-sócio-econômica que dificultou e dificulta o acesso dos negros a uma formação muito aquém dos que puderam frequentar boas escolas e formas de inserção na cultura de modo geral. Portanto, acredito que a formação do analista negro não pode prescindir da possibilidade de pensar no que não foi possível acessar na formação pessoal e procurar complementar, principalmente na filosofia, o que na minha formação pessoal fez muita diferença, além de buscar literatura de maneira geral e específica do que implica o ser negro nessa sociedade racista.

Precisamos estar atentos para não transformarmos analistas negros em analistas de segunda classe. Não será fácil essa inclusão, todos teremos que trabalhar brancos e negros na construção de uma inclusão que nos permita suprir uma falta em um processo de mão dupla, ensinar e também aprender.

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Penso que alunos, analisantes e psicanalistas negros devam ter atenção e tratamento respeitosos como quaisquer outros colegas, e uma recepção compatível com o interesse da instituição em praticar a ação afirmativa e a inclusão. É muito incômodo nos vermos diferenciados apenas pelo nosso fenótipo. Somos diferentes pela nossa subjetividade, pelo jeito com que cada um de nós se posiciona perante a própria vida, em relação ao outro e na relação com o mundo. Então, é desejável que haja consideração pelas subjetividades e que se observe que se trata de uma medida que visa atender ao princípio da equidade. Se assim for, haverá um projeto cujo foco sejam as mudanças almejadas. Tenho dúvida se a questão é uma disposição para atender às necessidades dos negros. Penso que não, pois se trata, antes de tudo, de um processo de reparação quanto à invisibilidade de uma parcela da sociedade e, igualmente, de uma relação em que a instituição se dispõe a abrir as suas portas. Abrir-se para qualquer relação é estar disposto a escutar e a aprender; estar disposto a extrair da experiência do encontro um aprendizado elaborado no *entre* da dupla que estabelece a relação, seja analista-analisante ou instituição-membros. Contudo, há algo na pergunta que é importante que eu ressalte: se uma sociedade (escola, associação ou qualquer outra instituição) pretende ser representativa da pluralidade racial e cultural do Brasil e instale artificialmente um processo de inclusão dos grupos que com frequência são excluídos dos bens sociais, políticos e econômicos, é importante que a instituição desenvolva dispositivos que promovam o diálogo e o aprendizado a respeito de uma sociedade de origem escravagista, de funcionamento racista e na qual persiste uma dura desigualdade. Estes fatores são intrincados e não se pode fugir da conversa sobre o pacto social perverso que invariavelmente privilegia os brancos, entendendo-se que o problema não é atender de maneira especial à pessoa negra, mas sim promover o pensamento crítico no tocante à branquitude. Destaco igualmente a necessidade de ampliação da grade curricular, criando-se um programa que também contemple o pensamento afrodiaspórico e latino-americano, saberes apagados de nossos estudos e pesquisas que certamente beneficiariam a todos. Precisa-se mexer na forma de a instituição funcionar naquilo em que ela favorece a prática do racismo, especialmente onde ela impede o acesso e a ascensão de pessoas negras. Espera-se de uma instituição psicanalítica, e em particular de um psicanalista, que haja escuta para as diferenças, abertura para receber os terrores, as inquietações, as angústias, as tensões e as expressões de ódio e de dor próprias do encontro e da formação psicanalítica.

4. Para além da inclusão, qual a importância em trazer a diversidade para dentro das Sociedades de Psicanálise?

4. What is the importance, besides inclusion, of bringing diversity into psychoanalytic societies?

Fakhry Davids

Freud colocou a psicanálise no caminho de se tornar uma ciência, o que significa que ela aspira a gerar um corpo de conhecimento que seja universalmente aplicável. Este é um objetivo bastante adequado. No entanto, embora sua prática permaneça, em grande parte, confinada ao grupo branco ocidental no qual a disciplina se originou, considera-se que sua base de conhecimento continua a ser universalmente válida. Existem sérias dificuldades com essa suposição apenas do ponto de vista científico, e a natureza individual da investigação psicanalítica significa que há variáveis demais em jogo para que essa suposição seja testada de maneira adequada.

Muitas das questões que levantei nesta entrevista somente arranham a superfície e a maneira mais segura de fazê-las avançarem de fato é ter uma composição mais diversificada em nossas sociedades. Isso permitirá que pessoas de diferentes origens conheçam a fundo princípios analíticos, teoria e prática, e, a partir dessa base compartilhada, abram um debate mais profundo sobre que contribuição a compreensão de suas origens traz para a psicanálise e, assim, abordem a aspiração científica de universalidade dela a partir de ambientes que são realmente variados. Dessa forma, temos a oportunidade de estabelecer o que, na psicanálise, é realmente universal e o que é um artefato do meio cultural.

Freud set psychoanalysis on the path to being a science, meaning that it aspires to generate a body of knowledge that is universally applicable. This is quite proper as an aim. However, although its practice remains largely confined to the white, western in-group within which the discipline originated, its knowledge base continues to be assumed to have universal validity. There are serious difficulties with this assumption on scientific grounds alone, and the individual nature of psychoanalytic inquiry means that there are just too many variables at play for this assumption to be properly tested.

Many of the issues I have raised in this interview simply scratch the surface and the surest way of making real progress in relation to them is to have a more diverse membership of our societies. That will enable people from different backgrounds to become steeped in analytic principles, theory and practice,

and from this shared base to open up a deeper debate about what understanding their background contributes to psychoanalysis, and hence to address its scientific aspiration of universality from settings that are actually varied. That way we have a chance of establishing what in psychoanalysis is actually universal and what is an artefact of cultural milieu.

Isildinha Baptista Nogueira

Trazer a diversidade para dentro das Sociedades de Psicanálise é incluí-la na realidade em que estamos inseridos, é atualizar o propósito da Sociedade, que é de formar profissionais capazes de desenvolver uma “escuta” que possa auxiliar os indivíduos no difícil caminho de se transformarem em sujeito de sua própria história, objetivo de um processo de análise. A diversidade é e sempre foi a tônica de uma sociedade, como Freud bem compreendeu; somos seres singulares, e não acolher a diversidade e não entender o que a Psicanálise preconizou, de que não existem seres iguais, é a diferença que nos constitui humanos.

As Sociedades de Psicanálise não são apenas guardiãs de um conhecimento, mas garantem a convivência dos analistas, afinal, ninguém é analista sozinho; essa convivência nos atualiza, nos estimula e nos provoca na busca de pensarmos novos caminhos do pensar psicanalítico.

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

A colonialidade trouxe, conforme já mencionei em alguma medida, um ideal eurocêntrico e uma lógica social marcados por uma divisão entre os corpos – você para lá e eu para cá –, divisão por raça, por classe, por gênero, por religião, por ideais políticos, pelas diferenças, sejam elas quais forem. Pessoas foram categorizadas e precarizadas nesta triste divisão de mundo que teve como objetivo a dominação de um grupo sobre o outro, estratégias produzidas nas relações sociais e impulsionadas pelo capitalismo. Como aprendemos com Foucault, o funcionamento básico do poder é produzir fronteiras. Por outro lado, herdamos a diversidade, somos europeus, indígenas, africanos, asiáticos e um pouquinho mais. No ambiente em que vivemos e na nossa cultura habitam diferentes povos e costumes e, como diriam os filhos e os estudiosos do Candomblé, “a encruzilhada é o umbigo do mundo”, e foi deste compasso que surgimos, forjados pelos diferentes vértices das “encruzas”, habitados por múltiplas influências: “Bota castanha de caju/ Um bocadinho mais/ Pimenta malagueta/ Um bocadinho mais/ Amendoim, camarão, rala o coco...”. Como na canção de Dorival Caymmi, que ensina como preparar um Vatapá, nome da música, e

apesar do controle sobre os corpos e as mentes estabelecido pelas políticas de Estado, e multiplicado pelos grupos sociais, não escapamos destes influxos. Esta é a importância da diversidade: somar diferenças, enriquecer-se com elas, tornar-se verdadeiramente plural e democrático.

Referências

- Freud, S. (1976). Inibição, sintomas e ansiedade. In: S. Freud, *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)*(Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Original escrito em 1925 e publicado em 1926).
- Sovik, L. (2009). *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Treacher, A. (2005). On postcolonial subjectivity. *Group Analysis*, 38(1): 43-57.
- Vainer Schucman, L. (2018) *Famílias interraciais: tensões entre cor e amor*. Salvador: EdUFBA.
-

Fakhry Davids

fakhrydavids@gmail.com

Tradução: **Maria de Lourdes Sette**

Isildinha Baptista Nogueira

Rua Piracuama, 280 cj.61 - Perdizes.

São Paulo – SP – CEP: 05017-040

(11) 99946-9103

Isildinha_nogueira@hotmail.com

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Rua Almirante Pereira Guimarães, 65/901 - Leblon.

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22440-030

(21) 2529-2136

waniacidade@gmail.com